

PROCESSO DE ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM PLANALTO-BA: PROJETO DE INCLUSÃO E AÇÃO EDUCATIVA – INCLAE

Elaine de Jesus Silva Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Nereida M^ªS.Mafra De Benedictis

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo:

A Educação Inclusiva é um processo social que visa integrar todas as crianças portadoras de necessidades educacionais especiais no ambiente escolar, em um sistema regular de ensino, afim de promover o ensino aprendizagem dos mesmos. Essa pesquisa buscou analisar o processo de ensino de Geografia em Planalto-BA, considerando a importância da relação entre o professor e o aluno para que haja a consolidação de ensino e aprendizagem, dando ênfase ao Projeto de Inclusão e Ação Educativa-INCLAE, que surgiu a partir do aumento das matrículas de alunos portadores de necessidades educacionais especiais no município a partir de 2011. Nesse sentido a participação do professor foi crucial, pois ele fazia as primeiras observações dos alunos na sala de aula para encaminhá-los ao NAPP. Para a concretização da pesquisa utilizamos de um referencial teórico, aplicamos entrevistas, analisamos dados obtidos pela secretaria de educação e realizamos observações no espaço escolar. É possível definir que o município de fato segue as regras impostas pela Constituição dentro da sua realidade e das suas possibilidades, mas, é sabido que para que haja um resultado satisfatório seria necessário um investimento maior no projeto, entretanto isso não é uma das prioridades da rede municipal de ensino nesse momento, dado que existem outras demandas que precisam ser solucionados com emergência.

Palavras chave: Aprendizagem. Ensino. Inclusão.

O processo de ensino e aprendizagem Geografia

O conceito de ensino e aprendizagem é bastante atrelado ao âmbito escolar, porém é impossível pensar em ensinar sem levar em consideração o conhecimento de mundo de cada aluno, das suas peculiaridades, seu trajeto, suas dificuldades e principalmente as suas habilidades, já que cada indivíduo apresenta características únicas e esse fato é relevante para a articulação das atividades escolares. É crucial que haja uma assimilação do próprio conteúdo com a realidade dos alunos para que eles possam compreender tais assuntos não apenas como forma decorativa, mas como assunto relevante para a sua vida.

Ressaltamos a importância dos professores como formadores dessas crianças, além disso, é preciso destacar a necessidade desses profissionais realizarem algumas qualificações para trabalhar em situações adversas, como por exemplo com alunos portadores de

necessidades educacionais especiais que precisam de um atendimento específico. Por isso, ensinar não pode ser considerado algo estático, é preciso passar por transformações constantes para que a aprendizagem do aluno seja alcançada, e que eles possam absorver todo o conhecimento possível.

Aprender se torna um processo de assimilação do conhecimento, em que o aluno com a orientação do professor passa a compreender, refletir e aplicar os conhecimentos que foram obtidos ao longo da sua vida escolar. Nessa relação de ensino e aprendizagem, educador e educando vivem em constantes transformações. Contudo, eles trocam conhecimentos nesse processo, ou seja, o educando aprende ao passo que ensina e o educador ensina e aprende com o outro.

Seguindo essa linha de pensamento, a respeito da responsabilidade do professor em ensinar seu aluno a pensar certo:

(...) é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos. É difícil, não porque pensar certo seja forma própria de pensar de santos e de anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios para evitar os simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras. (...) Discurso em que, cheio de mim mesmo, trato-a com desdém, do alto de minha falsa superioridade. A mim não me dá raiva mas pena quando pessoas assim raivosas, arvoradas em figuras de gênio se minimizam e destrutam. É cansativo, por exemplo, viver a humildade, condição 'sine qua' do pensar certo, que nos faz proclamar o nosso próprio equivoco, que nos faz reconhecer e anunciar a superação que sofremos. O clima do pensar certo não tem nada a ver com a das fórmulas preestabelecidas, mas seria negação do pensar certo se pretendêssemos forjá-lo na atmosfera da licenciosidade ou do espontaneísmo. Sem rigorosidade metódica não há pensar certo. (FREIRE, 1996, p. 49)

Percebemos que o autor enfatiza que se deve construir uma relação afetuosa entre professor/aluno, estreitando-as talvez possamos facilitar o diálogo na própria sala de aula, o que pode significar um maior rendimento individual ou mesmo coletivo. Ele ainda afirma que todos nós possuímos saberes individuais. Dessa forma, ninguém possui uma mente vazia, pois cada um traz consigo uma bagagem cultural, onde ficam gravadas as nossas vivências, os nossos conhecimentos escolares, que são absorvidas no nosso cotidiano pela pessoas que nos cercam e isso de forma involuntária.

Ao abordarmos sobre do processo ensino e aprendizagem é preciso salientar que o aluno não pode ser caracterizado como um mero receptor das informações, é preciso avaliar

como as metodologias utilizadas nas aulas estão sendo compreendidas pelos alunos, como o professor adapta as suas aulas para que haja o engajamento da maioria dos alunos, essas ações podem contribuir na construção do conhecimento.

Nesse sentido a autora afirma que:

Não se trata, então, nem de simplesmente o professor transmitir conhecimentos para os alunos, nem de apenas mobilizá-los e atender às suas necessidades imediatas. Ou seja, nesse processo nem é passivo o aluno, nem o professor. O aluno é ativo porque ele é o sujeito do processo e, por isso, sua atividade mental ou física é fundamental para a relação ativa com os objetos de conhecimento; o professor é ativo porque é ele quem faz a mediação do aluno com aqueles objetos (CAVALCANTI, 1998, p. 138).

Notamos que há uma necessidade de se pensar em uma maneira diferente de aprendizagem, já que em muitas vezes algumas práticas pedagógicas não são satisfatórias, nesse caso o professor enquanto transmissor das informações deve se atentar há novas possibilidades de se transmitir os conteúdos.

Nessa perspectiva de ensino e aprendizagem, ressaltamos a importância da geografia enquanto ciência e principalmente no que se refere ao seu papel como disciplina curricular, e na formação de um senso crítico e dos saberes geográficos. A Geografia deve propiciar as explicações necessárias acerca de como ocorrem às relações entre o homem e a natureza, além disso, ela tenta explicar como a sociedade produz e organiza o espaço, por meio do trabalho e do homem. Por isso para compreendermos o espaço geográfico, temos que considerar duas variáveis: o de espaço e o de tempo, elementos que servirão de base para compreendermos a dinâmica espacial, como afirma a autora:

Para cumprir os objetivos do ensino de geografia, sintetizados na ideia de desenvolvimento do raciocínio geográfico, é preciso que se selecionem e se organizem os conteúdos que sejam significativos e socialmente relevantes. A leitura do mundo do ponto de vista de sua espacialidade demanda a apropriação, pelos alunos, de um conjunto de instrumentos conceituais de interpretação e de questionamento da realidade socioespacial (CAVALCANTI, 1998, p. 25).

Todo conhecimento do espaço e de territórios nos possibilitou realizar alguns avanços significativos ao longo da história, como por exemplo os conhecimentos cartográficos que foram relevantes no período das grandes navegações que favoreceram em novos domínios e conquistas territoriais. Já na Idade Média na Europa, serviu de base na distribuição dos feudos pelo território. Outra questão importante acerca da relevância dos

saberes geográfico, está evidente em outros momentos marcados da nossa história, tais como: a partilha de alguns territórios levando em consideração as vantagens de localização geográfica, além disso, tivemos durante as duas grandes guerras mundiais estratégias pautadas com bases nesses conhecimentos. É preciso ter a consciência que a geografia se entrelaça com a própria história na compreensão do espaço e tempo, e isso não é distante da realidade da sala de aula, onde o professor precisa ter o domínio para fazer a todo momento correlações dos conteúdos.

Contudo, os autores afirmam que:

[...] Em suas próprias palavras considera esta a falha mais grave de nossa geografia/ nosso ensino: “desprezar o ser histórico da geografia e, conseqüentemente, o ser histórico do aluno”. Contemplando seria a redefinição da relação ensino/aprendizagem ao construir “o caminho do conhecimento, da descoberta a partir da realidade vivenciada pelo aluno. Ai, estariam professor e aluno, descobrindo e recriando a ciência geográfica” (PONTUSCHKA; OLIVEIRA, 2002, p. 218).

É evidenciado a importância da historicidade da geografia ao longo da história, e que esse fato deve ser colado na sala da aula, pois os alunos precisam ter a noção de como ela se faz presente no nosso cotidiano também, nesse sentido, os autores questionam a falta de um olhar crítico de alguns professores para com os alunos quando eles desprezam a história por trás de cada um.

Seguindo essa lógica de pensamento, sobre a importância do próprio aluno:

O aluno não é uma tábua rasa, sem nada, em que todas as informações são jogadas. Não é um carrinho vazio de supermercado em que alguém coloca o que bem entende, e o carrinho vai agüentando tudo o que nele é jogado. Ao contrário, o aluno é um gigante que precisa ser despertado. Todo e qualquer aluno tem vocação para brilhar, em áreas distintas, de formas distintas, mas é um ser humano e como tal possui inteligência, potencial; se não for destruído pelos maus educadores, poderá produzir, crescer e construir caminhos de equilíbrio, de felicidade (CHALITA, 2001, p. 261-262).

Percebe-se que alguns professores precisam se atentar aos seus alunos, respeitando-os nas suas diferenças e buscando sempre ajudá-los, contudo, alguns alunos precisam ser instigados para que haja um rendimento significativo, sabendo que a maneira que o aluno aprende não é homogênea, e a sala de aula tem que se tornar referência para eles, demonstrando para os alunos que a escola é um lugar acolhedor e que o ensino de geografia é essencial para o desenvolvimento de algumas habilidades, como:

(...) formar raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundados a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes: de pensar os fatos e acontecimentos mediante várias explicações, dependendo da conjugação desses determinantes, entre os quais se encontra o espacial. A participação de crianças e jovens na vida adulta, seja no trabalho, no bairro em que moram, no lazer, nos espaços de prática política explícita, certamente será de melhor sobre seu espaço de formas mais abrangente e crítica (CAVALCANTI, 1998, p.24).

Nesse trecho a autora explícita algumas razões para se ensinar geografia, é interessante pensar que ela ressalta que a geografia fomenta o desenvolvimento do raciocínio, além de ajudar na formação de conceitos. Além disso, a mesma usa a categoria espaço com exemplo claro disso, já que todas as nossas ações são feitas dentro desse próprio espaço, mas é para isso ocorra será necessário compreendê-lo como um todo avaliando os seus determinantes.

Contudo, ensinar geografia na realidade em que vivemos exige dos profissionais uma visão menos voltada para os conteúdos no sentido de quantidade, e repensar em metodologias que consigam correlacionar a realidade vivenciadas por esses alunos com os assuntos selecionados, e isso por ser feito sem a utilização de materiais de custo elevado, como por exemplo a utilização da internet como ferramenta educativa, mas existem outras ferramentas acessíveis para o uso.

METODOLOGIA

Para a concretização de qualquer pesquisa é necessário estabelecer os procedimentos a serem aplicados no desenvolvimento da produção científica. Nessa pesquisa no primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico e uma leitura minuciosa sobre a temática a fim de compreender as políticas educacionais voltadas para a educação inclusiva em âmbito nacional, bem como as leituras de documentos como por exemplo a constituição federal, a LDB, a própria BNCC, dentre outros.

Em um segundo momento foram realizadas as primeiras observações no espaço escolar para conhecer a realidade dos alunos, levando em consideração o espaço físico, os materiais didáticos, o comportamento dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais na sala de aula, e suas relações nesse espaço. Posteriormente realizamos uma entrevista com a equipe da coordenação do projeto INCLAE que cordialmente

disponibilizou alguns dados do projeto. Por fim realizamos entrevistas com gestores, coordenadores e professores da rede municipal com o intuito analisar as vivências desses profissionais dentro do espaço escolar.

Projeto de inclusão e ação educativa – INCLAE: uma nova concepção para o processo de ensino e aprendizagem

O Projeto de Inclusão e ação educativa-INCLAE que teve o surgimento a partir do aumento de matrículas de pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais na rede municipal de ensino de Planalto-BA a partir do ano de 2011. Nesse mesmo ano começaram a desenvolvê-lo seguindo todas as políticas de educação possíveis afim de garantir uma educação de qualidade para todos, porém o projeto foi suspenso no ano seguinte. No segundo semestre de 2018, foi implantado um novo projeto, conservaram o mesmo nome por questões de afinidade com a própria comunidade escolar, a fim de atender tal demanda. Observe o quadro 1 a seguir:

UNIDADES DE ENSINO ENVOLVIDAS 2018	
ESCOLAS DA ZONA RURAL	12
ESCOLAS DA ZONA URBANA	09
CRECHE	01
TOTAL	22

Quadro 1: Dados obtidos pela Assessora Pedagógica Especializada da Secretária de Educação, Cultura e Esporte de Planalto-BA/SMEC. Elaborado por Elaine Oliveira em novembro de 2019.

Percebe-se o número total de escolas que são atendidas pelo programa, além disso, é destacado quais as escolas são da zona urbana, quantas são da zona rural e especificamente uma das creches da cidade. É interessante pensar que a maioria dessas escolas estão situadas na zona rural que representa cerca de 60 comunidades rurais, o que se torna mais um obstáculo, tendo em vista que existem dificuldades no deslocamento para essas localidades,

outra questão a se considerar estar relacionada à própria estrutura física dessas escolas que muitas vezes não apresentam materiais apropriados para esses alunos, nem mesmo a própria acessibilidade.

Para o funcionamento desse programa é necessário o trabalho conjunto de alguns profissionais, tais como o da assessora pedagógica que é responsável pela organização e aplicação das avaliações, bem como fazer o planejamento e acompanhamento pedagógico. É preciso ressaltar a participação dos psicólogos do Núcleo de Apoio Psicopedagógico – NAPP. O professor tem o papel de fazer as primeiras observações para que o aluno possa ser encaminhado para o NAPP, que irá, desenvolver todo o trabalho pedagógico e na elaboração de relatórios sobre o processo de ensino aprendizagem.

Todas as ações desenvolvidas pelo programa estão centradas na particularidade de cada aluno, de modo que os todos objetivos do programa sejam concretizados, principalmente no que se refere o de estimular o desenvolvimento das competências e habilidades próprias de cada aluno, que são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, o programa baseia-se no sistema de intersetorialidade existente entre três Secretarias municipais, tais como: a Secretaria de Educação, Cultura e Esporte – SMEC, a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Desenvolvimento Social, que buscam proporcionar a ampliação desse atendimento.

Os avanços obtidos pelo programa nesses anos de atuação, principalmente quando a Coordenadora do projeto deixa claro que há uma preocupação com os alunos já matriculados e com os futuros, além disso, outro indivíduo a ser incluso nesse pensamento é o próprio professor que tem um papel importante nessa formação, e que precisa muitas vezes de um aprimoramento sobre esse assunto. Um dos pontos cruciais refere-se a problemas de vulnerabilidade social desses indivíduos que se torna uma grande barreira na educação de forma geral, não só na inclusiva.

Entretanto, sabe-se que nenhum programa consegue de imediato atender todas as demandas e sanar todos os problemas, tendo em vista que esse problema é algo maior que as esferas municipais. Diante dessas inquietações a Assessora da Secretária disse em entrevista que:

Infelizmente ainda existem muitos desafios a serem vencidos, como: a formação continuada de professores; a formação de cuidadores; a realização de encontros mais frequentes com as famílias envolvidas; a

criação de um centro de atendimento especializado e a criação do Conselho da Pessoa com deficiência (em tramitação).

Nota-se, a preocupação da Coordenadora em relação aos desafios futuros, principalmente no que se refere aos professores e os pais dos alunos que precisam estar preparados para atuarem nesse processo de ensino e aprendizagem. Pensando nisso, ela traz duas possíveis ações a serem alcançadas, o que de fato facilitará a formação dessas crianças e jovens. Por outro lado, um ponto negativo que precisa ser solucionada é sobre a falta de um atendimento multidisciplinar no município, que são mediadas pelos professores, coordenadores e direção.

É imprescindível o papel da assessoria nesse programa, além de elaborar uma avaliação inicial e fazer uma observação dos alunos, é responsável por produzir um plano de ação tendo como base as suas avaliações, nesse sentido, esse plano serve de orientação para o trabalho do professor, que posteriormente fará relatórios descritivos a fim de elucidar cada caso especificamente, e isso servirá de incentivo para dá continuidade aos atendimentos.

Contudo, o programa INCLAE, é um projeto recente, mas inovador, e que sofrerá modificações para o seu aprimoramento, como todo projeto recente, mas para que isso ocorra de fato é necessário que haja uma verba, que propiciará a ampliação do atendimento para essas pessoas e até mesmo estender para as suas famílias. É preciso salientar que o espaço físico nesse contexto se torna relevante para que o programa possa cumprir de fato o seu papel educacional e social.

Entretanto, o programa cumpre à função de apoiar desde a matrícula até à permanência dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais em sala de aula, porém tem-se a noção de que isso tudo ainda é muito superficial. Para maior compreensão acerca desses avanços obtidos pela implantação do programa INCLAE em Planalto-BA, observe os quadros 2 e 3 que mostram os resultados parciais no que se refere as matrículas nos anos de 2018 e 2019:

NÚMERO DE ALUNOS NO PROJETO INCLAE 2018	
AVALIADOS	73
FREQUENTES	55



DESISTENTES	11
ENCAMINHADOS AO NAPP	07
TOTAL DE ALUNOS	73

Quadro 2: Dados obtidos pela Assessora Pedagógica Especializada da Secretária de Educação, Cultura e Esporte de Planalto-BA/SMEC. Elaborado por Elaine Oliveira em novembro de 2019.

NÚMERO DE ALUNOS NO PROJETO INCLAE 2019	
AVALIADOS	99
EM AVALIAÇÃO	05
FREQUENTES	91
DESISTENTES	10
ENCAMINHADOS AO NAPP	08
ATENDIDOS EM CRECHE E ORIENTADO EM UE	03

Quadro 3: Dados obtidos pela Assessoria Pedagógica Especializada da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte de Planalto-BA/SMEC. Elaborado por Elaine Oliveira em novembro de 2019.

Por meio dos dados da tabela, percebemos que houve um aumento significativo no número de alunos matriculados em período de apenas um ano. É evidente que aumentaram a porcentagem em relação a frequências, isso demonstra que aconteceram melhorias na permanência desses alunos no ambiente escolar. Outro ponto interessante em 2019 é sobre o atendimento estendido para a creche, onde estão crianças de 0 a 4 anos de idade e que já irão entrar na escolar assistidos pelo programa, pois essas crianças poderão desenvolver suas potencialidades mais cedo, o que significará êxito no processo ensino e aprendizagem.

Seguindo esse pensamento educacional a Assessora Pedagógica Especializada afirma em entrevista que:

A qualidade do trabalho oferecido acaba sendo um elemento de divulgação do próprio projeto e, com isso as famílias se sentem mais seguras para “deixar” seus filhos na escola. Isso faz com que a dinâmica da inclusão escolar se torne uma realidade em Planalto. Quero crer e trabalho no sentido de que não haja retrocessos nesse processo, simplesmente pelo respeito à dignidade de quem já é marcado negativamente pela exclusão social.

Percebemos que esse programa pode ser encarado como um avanço não só na escala educacional, mas também na escala social, principalmente por que o mesmo requer a participação de todos para um bem comum que é a inclusão dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais não só no âmbito escolar, mas na própria sociedade. Contudo é imprescindível que esses alunos saíam da escola aptos para à sua formação tanto escolar como individual.

Considerações finais

Essa pesquisa teve o intuito de compreender o processo de ensino de Geografia na perspectiva de Educação Inclusiva em Planalto-BA ressaltando a relevância do Projeto de Inclusão e Ação Educativa-INCLAE desenvolvido pelo próprio Município afim de garantir o ensino e aprendizagem de todos os alunos portadores de necessidades educacionais especiais e dá suporte a todos os profissionais e pais envolvidos nesses projeto. Para enriquecer essa pesquisa fizemos uma reflexão sobre o ensino e aprendizagem de geografia para entendermos a importância dessa ciência na formação dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais. Para melhor elucidar essas indagações trazemos a realidade da escola onde foi realizada a pesquisa, tendo como objetivo avaliar todo o contexto.

Todas essas questões foram imprescindíveis para a avaliação da educação inclusiva no município. Essa temática se torna necessária tendo em vista que ela pode fazer parte das nossas vivências enquanto profissionais ou não. As discussões apresentadas aqui tem cunho não só educativo, mas também social, muitos dos profissionais não fazem ideia de como podem ser um divisor de águas para esses alunos.

Todavia, devemos ter a plena consciência de que como professores devemos buscar um aperfeiçoamento do trabalho para com esses alunos e suas dificuldades. Outro ponto

interessante sobre esse assunto é compreender que educar vai além de ensinar os conteúdos disciplinares, educar também é contribuir na inserção desses alunos na sociedade ajudando-os no desenvolvimento das suas habilidades, isso se amplia além do espaço escolar, deve-se estender para toda a comunidade.

Mesmo que os alunos portadores de necessidades educacionais especiais estejam assistidos pela lei, podemos afirmar que nem todos esses direitos estão de fato sendo garantidos, é sabido que a realidade da maior parte das escolas da rede municipal de ensino não possuem nem o básico, sendo assim os profissionais trabalham dentro da suas possibilidades, nesse momento o trabalho conjunto com todo o corpo docente da escola torna-se essencial para que se concretize o ensino e aprendizagem.



REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. São Paulo, 10ª.ed, Papirus, 2007.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 6º ed. São Paulo: Gente, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á pratica educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PONTUSCHKA, Nídia Nancib. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo. Contexto,2002.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Elaine de Jesus Silva Oliveira

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Brasil, membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia (GRUPEG/UESB).
E-mail: elainejsoliveira@gmail.com.

Nereida M^aS.Mafra De Benedictis

Professora do DG e PPGED(UESB) Brasil, Coordenadora do NUAMSE/UESB
E-mail: nereidamafrabenedictis@gmail.com.